

Notas históricas sobre a reconversão cultural na *al Qa'idah*

Gilvana de Fátima Figueiredo Gomes¹

Resumo: O texto tem como objetivo avaliar as ações de reconversão cultural da rede *al Qa'idah*. São analisados alguns dados do itinerário da organização, bem como a revista *Inspire* (2010-2017); a investigação baseia-se nos debates dos Estudos Culturais que apontam para a dinamicidade da cultura, ainda que em grupos caracterizados por um apelo à tradição. Em posição contrária à lógica do orientalismo, argumenta-se que o grupo criado por Ibn Ladin sustenta suas intervenções em processos de apropriação de bens culturais e atualizações estratégicas de discussões religiosas.

Palavras-chave: *al Qa'idah*; estudos culturais; reconversão cultural.

Historical notes on cultural reconversion in *al Qa'idah*

Abstract: The text aims to evaluate the cultural reconversion actions of the *al Qa'idah* network. Some data from the organization's itinerary are analyzed, as well as the magazine *Inspire* (2010-2017); the investigation is based on the debates in Cultural Studies that point to the dynamism of culture, even in groups characterized by an appeal to tradition. In a position contrary to the logic of Orientalism, it is argued that the group created by Ibn Ladin sustains its interventions in processes of appropriation of cultural goods and strategic updates of religious discussions.

Keywords: *al Qa'idah*; cultural studies; cultural reconversion.

NOTAS HISTÓRICAS SOBRE A RECONVERSÃO CULTURAL NA *AL QA'IDAH*

GILVANA DE FÁTIMA FIGUEIREDO GOMES

Introdução

O artigo sugere que o potencial de agência da *al Qa'idah* sustenta-se, em parte, em procedimentos de reconversão cultural, característicos do mundo globalizado. A proposta é avançar para além de visões orientalistas e/ou maniqueístas, e investigar como a rede criada por Usamah Ibn Ladin (1957-2011) promoveu a defesa tradições do Islam a partir de recursos modernos e tecnológicos. Essa interpretação foi construída a partir da análise da revista *Inspire* (2010-2017), publicação chancelada pela *al Qa'idah*, com especial atenção a três elementos: i) apropriação criativa de recursos midiáticos associados à cultura ocidental; ii) utilização do inglês como língua de divulgação e iii) a utilização flexível de concepções teológicas com fins estratégicos.

A pesquisa insere-se nas discussões promovidas pelos Estudos Culturais, campo interseccionado de investigação, no qual as áreas de Comunicação, Sociologia, Antropologia, Filosofia, Crítica Literária, História – entre outras – articulam-se em busca de respostas para questões contemporâneas. Tais estudos estão relacionados à emergência de leituras contingentes de temas como cultura e identidade, e promoveram construções teórico-metodológicas para uma revisão de discursos – fossem eles de ordem política ou analítica – que pretenderam conformar/delimitar identidades.

O artigo divide-se em três partes: na primeira, elementos teóricos são discutidos; na segunda, apresenta-se a *al-Qaeda* como resultado da dialética da globalização e, por fim, a revista *Inspire* é discutida como indício da estratégia de reconversão cultural capitaneadas pela rede.

A cultura entre a globalização e o orientalismo

Em 11 de setembro de 2001, os ataques ocorridos no território dos Estados Unidos deixaram parte considerável da população mundial estarrecida. É impossível desconsiderar o impacto do número de mortos, mas a audácia e astúcia dos responsáveis por sequestrar e lançar os aviões contra alvos estratégicos e representativos da potência norte-americana chamou - a continua a chamar - a atenção de analistas, sejam leigos ou especialistas.

Quem acompanhou o desenrolar dos eventos no noticiário em tempo real, ou quem assistiu aos inúmeros vídeos disponíveis na internet, pôde examinar a dificuldade de jornalistas e analistas políticos em explicar, caracterizar ou definir o que significou aquela curta sequência de cenas, exaustivamente repetidas por semanas.^{II} Passado algum tempo, houve quem observasse que na mídia em geral predominou uma narrativa marcada pela visualidade e da qual se ausentou a “voz humana”,^{III} indício de que faltavam códigos linguísticos para transmitir/construir o sentido do que se via.

Logo que a situação se acalmou, surgiram intérpretes dispostos a oferecer uma leitura objetiva dos eventos. Enquanto a imprensa norte-americana e internacional explicava aos espectadores o que havia ocorrido, a importância política-cultural dos alvos, o número de vítimas e avaliava os prováveis responsáveis, especialistas eram chamados a fornecer interpretações sobre quais seriam os rumos da diplomacia estadunidense e mundial, como os eventos afetariam as demais nações em termos políticos e econômicos; com menos frequência, descortinavam-se as lógicas culturais que iluminavam tão dramática decisão.

Longe de uma decodificação cultural em que permitisse a compreensão desses outros – que não eram exatamente estreantes na cena política e cultural do mundo globalizado,^{IV} assistiu-se à atualização da herança orientalista identificada por Edward Said.^V Como observou Judith

NOTAS HISTÓRICAS SOBRE A RECONVERSÃO CULTURAL NA *AL QA'IDAH*

GILVANA DE FÁTIMA FIGUEIREDO GOMES

Butler pouco mais de um ano após os ataques, o anti-intelectualismo tomou conta do debate e qualquer agente que buscasse compreender a história por trás do ataque ou questionar uma resposta bélica por parte dos EUA era considerado traidor ou cúmplice do terror.^{VI} Ideia sintetizada pelo então presidente do Estados Unidos, George Bush: “ou você está conosco ou está com os terroristas”.^{VII}

Repetiu-se, assim, o exercício familiar à política dos séculos XIX e XX e operou-se uma nítida separação:^{VIII} de um lado, figuravam as vítimas civis naturalmente associadas ao pacifismo ocidental e, de outro, terroristas militarizados identificados como irracionais e violentos.^{IX} De um lado, a civilização, de outro, a barbárie – que, para muitos, era sinônimo do Islam. Trata-se como observou o já citado Edward Said da sedimentação de dogmas:

[...] um dos dogmas é a diferença absoluta e sistemática entre o Ocidente, que é racional, desenvolvido, humanitário, superior, e Oriente, que é aberrante, não desenvolvido, inferior. Outro dogma é que as abstrações sobre o Oriente, particularmente as baseadas em textos que representavam uma civilização oriental ‘clássica’, são sempre preferíveis a evidências diretas tiradas das modernas realidades orientais. Um terceiro dogma é que o Oriente é eterno, uniforme e incapaz de se definir; portanto, supõe-se inevitável e até cientificamente “objetivo” um vocabulário altamente generalizado e sistemático para descrever o oriente de um ponto de vista Ocidental. Um quarto dogma é que o Oriente é no fundo algo a ser temido [...] ou controlado.^X

Esse processo de *fabulação* vem sendo sistematicamente criticado e^{XI} os mais otimistas acreditavam que a globalização acelerada e a ampliação do conceito de cultura teriam como consequência a superação de perspectivas unilaterais e etnocêntricas. No que respeita ao tema do orientalismo, importantes esforços foram registrados na segunda metade do século XX sem, contudo, lograr transpor certos lugares comuns como exotismo, atraso político e imobilidade histórica.^{XII}

Com a intenção de superar percepções ontológicas da temática cultural, passou-se, não sem esforço, ao reconhecimento de que identificadores culturais são projeções discursivas que estão – e estiveram – em um processo de fluidez, de embates, encontros e, principalmente, sendo estrategicamente utilizadas para atender aos interesses “[...] tanto [d]os setores hegemônicos como [d]os populares que querem apropriar-se dos benefícios da modernidade”.^{XIII} Interpretar processos históricos, agentes e instituições a partir dessas chaves pode ser um recurso para diminuir a ênfase na diferença – estratégia primeira do orientalismo – e produzir leituras correspondentes à complexidade dos fenômenos políticos produzidos nas últimas décadas.

Andreas Huyssen, ao analisar a articulação entre globalização e modernidade, aponta a existência de uma cartografia canônica e a-histórica de utilização de recursos inovadores que contempla países da Europa e os EUA, vistos como dispostos à transformação e ao progresso; o restante dos povos parece imóvel e antiglobal – ao menos, à maioria dos olhos ocidentais. Ao que o autor alerta, para uma “[...] dialética da globalização, cuja mescla de destruição e criação [...] tornou-se ainda mais palpável nos últimos anos.”^{XIV}

Como estratégia teórico-metodológica, Canclini sugere a observação das contradições da globalização – ou nos termos Huyssen, seus episódios dialéticos. Ao abordar agentes e processos, *a priori*, incoerentes ou inconciliáveis seria possível apreender a dinamicidade da cultura que opera por meio da combinação de “[...] estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada [...]”^{XV}, mas que podem ser estrategicamente apropriadas:

[...] de modo não planejado ou [como] resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos e de intercâmbio econômico ou comunicacional. Mas frequentemente a hibridação surge da criatividade individual e coletiva. Não só nas artes, mas também na vida cotidiana e no desenvolvimento tecnológico. Busca-se *reconverter* um patrimônio

NOTAS HISTÓRICAS SOBRE A RECONVERSÃO CULTURAL NA *AL QA'IDAH*

GILVANA DE FÁTIMA FIGUEIREDO GOMES

(uma fábrica, uma capacitação profissional, um conjunto de saberes e técnicas) para reinseri-las em novas condições de produção e mercado.^{XVI}

No que se refere ao Islam, investigações com tais recursos são fundamentais, posto que predominam representações limitadas que reforçam estereótipos negativos dos praticantes da religião; é o que se pode ver, por exemplo, na produção cinematográfica norte-americana,^{XVII} ou, para usar exemplos brasileiros, em livros didáticos utilizados na educação básica, nos quais ocorre o esvaziamento da complexidade cultural própria das produções humanas.^{XVIII}

No que se refere às organizações cuja visibilidade política se dá por meio de atos de violência,^{XIX} ressalta-se que a análise crítica das ações e agentes envolvidos não têm a intenção de justificar suas práticas ou relativizar o aspecto violento/criminoso. Como discute a filósofa Judith Butler, é necessário avaliar as condições do terrorismo que

[...] pode ser necessária ou suficiente. Se é necessária, é uma condição sem a qual o terrorismo não consegue consolidar-se, algo que ele requer completamente. Se é suficiente, sua presença basta para que o terrorismo ocorra. Condições não “agem” da mesma maneira que agentes individuais agem, mas agente nenhum age sem elas. Elas são um pressuposto naquilo que fazemos, mas seria um erro personificá-las como se agissem em nosso lugar.^{XX}

O que ocorre é que o ato de violência é um fenômeno que não totaliza o grupo que o praticou, ou seja, para além do episódio com ampla repercussão midiática e um clamor compreensível, existem questões culturais, econômicas e históricas cujas estratégias de adesão podem ser compreendidas.^{XXI} A *al-Qa'idah* e, mais recentemente, o Estado Islâmico são descritos em chaves interpretativas de violência vazia de propósitos e ausência de concepções modernas de política,^{XXII} além dos clichês representacionais dos agentes que atuam nesses grupos: o personagem com barba longa, túnica e turbante em um cenário árido de deserto, sem conhecimento dos recursos do mundo globalizado – capitalismo, democracia, internet. Reproduzido à exaustão em produções cinematográficas, popularizados pela mídia e pouco questionados pelas produções acadêmicas, tais estereótipos alimentam uma noção de diferença que não deverá produzir resultados muito diferentes do que os atos de violência praticados de ambos os lados.^{XXIII}

No caso do Estado Islâmico, já se avaliou como o grupo com atuação destacada a partir de 2014 sustentou suas intervenções contrariando a racionalidade usual, pois não se tratava de uma manifestação cultural baseada na ideia de coerência aos moldes ocidentais. Dessa forma, articulou o salafismo às produções culturais identificadas com a modernidade – como a revista *Dabiq* e os vídeos no *Youtube*.^{XXIV}

A globalização evidenciou a impossibilidade de isolar culturas e agentes, daí que mesmo entre grupos profundamente tradicionais ocorram apropriações culturais criativas e discretas. Analisadas a partir da perspectiva da interculturalidade, essas produções revelam a habilidade de agentes em converter estrategicamente determinados recursos quando são convenientes aos seus intentos político-culturais. Como exemplar dessa modalidade de atuação, na sequência, reconstitui-se brevemente e por meio da bibliografia a trajetória da *al-Qaeda* para, na sequência, tomar como objeto de análise da revista *Inspire*.

A *al-Qaeda*, *jihad* no mundo globalizado

Neste tópico, o surgimento e a manutenção da *al-Qa'idah* serão, rapidamente, analisados tendo em vista a articulação de demandas culturais específicas e as adaptações ocorridas em razão das novas configurações históricas. Argumenta-se que a *al-Qa'idah* destaca-se pela propensão a

NOTAS HISTÓRICAS SOBRE A RECONVERSÃO CULTURAL NA *AL QA'IDAH*

GILVANA DE FÁTIMA FIGUEIREDO GOMES

converter em ativos próprios recursos contingentes e heterodoxos – alguns de ordem material, e outros simbólicos.

A emergência da *al Qa'idah* pode ser compreendida a partir de duas perspectivas complementares: uma interna, que considera as relações entre política e religião, na qual se inclui o debate teológico sobre a noção de *jihad* e outra, externa, atenta às constantes intervenções e conflitos nos quais estiveram envolvidas populações muçulmanas ao longo do século XX.

O Islamismo – termo que designa uma ação política dos fiéis muçulmanos – define-se como a atuação orientada no sentido constituir estruturas de poder reguladas pela *Shar'ia* –^{XXV} ou seja, Estados Islâmicos.^{XXVI} Registrados em períodos e regiões diversas, projetos como esse ganharam força ao longo do século XX, sendo a fundação da Arábia Saudita, em 1932, e a Revolução Iraniana, de 1979, os principais expoentes sunita e xiita respectivamente. É necessário ter em vista que, na medida que almejam a construção de uma vida social pautada nos valores do Islam, tais grupos tendem a se posicionar com mais força quando percebem intervenções de outras culturas que, deliberadamente ou não, limitam as vivências da *ummah*.^{XXVII}

Dentre os dispositivos culturais convertidos em recurso político, esteve a *jihad*. O tema controverso e de múltiplas significações ensejou o (re)posicionamento de teólogos e intelectuais do Islam.^{XXVIII} Com múltiplas variações, a *jihad fi sabilillah* – o esforço pela causa divina – pode ser compreendida em dois eixos: a Grande *jihad*, ou esforço interno do fiel para a manutenção de um comportamento religioso alinhado ao Islam, e a Pequena *jihad*, luta externa contra aqueles que ameaçam a *ummah*; foi a Pequena *jihad* que viabilizou o enfrentamento contra governos locais (“inimigo próximo”), ou contra agentes/nações estrangeiras que intervinham direta ou indiretamente nos propósitos do Islamismo (“inimigo distante”).^{XXIX} Inovações em conceitos nucleares da tradição religiosa correspondiam à dinâmica histórica, marcada pela internacionalização dos conflitos, emblematicamente representada pela Guerra Soviética-Afegã (1979-1989), quando lideranças religiosas clamaram para que os fiéis muçulmanos participassem da luta contra o exército soviético.^{XXX}

Nesse quadro, destaca-se o pensamento de Abdallah Azzam, personagem que atuou na guerra e publicou suas reflexões teológicas sobre a *jihad* em várias obras, com especial destaque para *Join the caravana* (1987). ‘Azzam nasceu em 1941 na Palestina, mas ao longo da vida estudou e trabalhou em diferentes países da região, concluindo o Doutorado em Princípios da Fé na prestigiada universidade *al Azhar* em 1973. O clérigo estabeleceu-se no Paquistão na década de 1980 para apoiar a resistência afegã, e o fez valendo-se de décadas de sociabilidade e de uma erudição que lhe conferia grande autoridade.^{XXXI}

Para ‘Azzam, a situação no Afeganistão configurava um claro cenário de *jihad* defensiva, no qual os fiéis estavam sob ataque. Nessas condições, a *jihad* tornava-se uma obrigação individual a cada um dos fiéis. *Join the Caravan* ecoa, de modo muito mais objetivo, os argumentos do *fatwah Defense of the muslim lands*, publicado originalmente em 1979 – antes da invasão soviética. No texto mais extenso, as quatro escolas de jurisprudência sunita são mobilizadas pelo autor para defender que, no então contexto da *ummah*, não haveria autoridade capaz de impedir os atos de *jihad*; conceito que pode ser mais bem sumarizado pelo subtítulo da obra *A primeira obrigação depois da fé*.

‘Azzam era um clérigo famoso em vida, mas, após a vitória das tropas afegãs e a sua morte, em 1989, foi catapultado para o *status* de mártir, compondo um panteão de ícones jihadistas do século XX. Para o público Ocidental, seu nome é sempre lembrado como personagem que reorientou o posicionamento político de distintos agentes, entre eles, Usamah Ibn Ladin.^{XXXII}

Filho de uma rica família saudita, Ibn Ladin foi educado na doutrina salafista-wahhabita e,^{XXXIII} durante sua formação, teve contato com Abdullah Azzam; no final da Guerra no Afeganistão, Ibn Ladin mudou-se para a região de conflito e mobilizou seus recursos para o treinamento dos *mujahidin*, esforços que resultaram na vitória e no fortalecimento da noção de

NOTAS HISTÓRICAS SOBRE A RECONVERSÃO CULTURAL NA *AL QA'IDAH*

GILVANA DE FÁTIMA FIGUEIREDO GOMES

jihād como recurso para o enfrentamento de infiéis ou inimigos políticos. Os dez anos de conflito garantiram a construção de estrutura física, como campos de treinamento, e de uma rede de relações entre diferentes agentes ligados ao Islamismo; parte dos recursos empregados, inclusive, tinham origem ocidental.

Em 1989, Abdullah Azzam foi assassinado no Paquistão, deixando um vácuo de liderança para o movimento jihadista. Ao longo dos anos 1990, veteranos do Afeganistão migraram para zonas de conflito nos Balcãs, apoiaram forças afegãs na Guerra Civil ou retornaram para seus países de origem. No final da década, Ibn Ladin, aproveitando-se do vácuo de liderança e de objetivos experimentado por diferentes grupos do Oriente Médio e, da estrutura material e simbólica construída nos anos anteriores, fortaleceu a própria organização: a *al Qa'idah*, ou “a base”, fundada em 1988 e que visava a ampliação das ofensivas contra os inimigos do Islam.

Diferente de outros grupos islamistas, como a Irmandade Muçulmana, o Hezbollah e o Hamas, a *al Qa'idah* adotou como estratégia a fragmentação, operando muito mais como um esqueleto organizacional, liderada de forma difusa por Ibn Ladin, primeiro do Sudão e, depois, do Afeganistão.^{xxxiv} Em 1996, Ibn Ladin publicou a *Declaração da Jihad contra os americanos que ocupam a terra dos dois lugares sagrados do islã* – referência à presença de tropas norte-americanas na Arábia Saudita. Em 1998, o saudita consolidou alianças com outros grupos *jihadistas*, materializada no *fatwah Jihad Against Jews and Crusaders*, assinado por Ibn Ladin e outras quatro lideranças *jihadistas*: al-Zawahiri (Grupo *Jihadista* no Egito), Abu-Yasir Rifa'i Ahmad Taha (1954-2016 – Grupo Islâmico Egípcio), Mir Hamzah (secretário do Grupo dos Ulamas do Paquistão) e Fazlur Rahman (Movimento *Jihadista* de Bangladesh). O *fatwah* acusava os EUA de ocupar as terras sagradas do Islam e conspirar com Israel para destruir os muçulmanos e, como punição, decretava a morte dos estadunidenses e seus aliados, militares ou civis, como uma obrigação para todos os fiéis.

Em agosto de 1998, a *al Qa'idah* atacou as embaixadas norte-americanas na Tanzânia e no Quênia. A *jihad* avançava para além das fronteiras nacionais e começou a se desenvolver em lugares outros até alcançar territórios ocidentais em 2001 nos Estados Unidos; 2005, na Espanha, 2007, na Inglaterra e 2015 na França.^{xxxv}

Esses eventos demonstravam que, embora tivesse um centro orientador, a *al Qa'idah* era uma organização plural e com vários níveis de associação – possibilidade garantida graças à ideia de *jihad* defendida por seus idealizadores e formulada em décadas anteriores, qual seja, aquela que se baseia em um senso de justiça experimentado por sujeitos fiéis ao Islam, uma obrigação individual tal qual os cinco pilares da religião. Ao utilizar um conceito de Islam mais inclusivo e uma noção de *jihad* globalizada, *al Qa'idah* restituiu e construiu, simbolicamente, a agência a indivíduos ou grupos distantes do núcleo da organização e das sedes religiosas;^{xxxvi} dessa forma, expandiu sua área de ação e formou uma rede de adesões com diferentes tipologias.

A partir do 11 de setembro, a política da Guerra ao terror do governo Bush, a despeito de conseguir algumas vitórias, não foi competente para destruir a *al Qa'idah*, cuja estrutura descentralizada garantia a continuidade de suas ações. Muitas dessas células ganharam projeção, caso da al-Qaeda da Península Arábica, que reunia o grupo original de Ibn Ladin e uma célula do Iêmen; pouco tempo depois de iniciar suas atividades, a célula editou a revista *Inspire* – primeiro periódico em inglês chancelado pela *al Qa'idah*.^{xxxvii}

A revista *Inspire* e as estratégias de reconversão cultural da *al Qa'idah*

Raquel Tobajas, mestre em comunicação e especialista em política antiterrorista, publicou, em 2015, um documento no qual caracterizou a revista *Inspire*.^{xxxviii} Segundo a pesquisadora, os responsáveis pela publicação apresentavam-na como um “[...] *medio de comunicación*

NOTAS HISTÓRICAS SOBRE A RECONVERSÃO CULTURAL NA *AL QA'IDAH*

GILVANA DE FÁTIMA FIGUEIREDO GOMES

convencional haciendo las veces da revista informativa denunciando las injusticias del mundo musulmán.”^{XXXIX} Tobajas pareceu especialmente desconfortável com o fato de que os responsáveis pelo projeto tenham utilizado o expediente de publicar um periódico – em moldes familiares aos ocidentais – para propagar o discurso terrorista; a autora chega a utilizar aspas na expressão “*medio de comunicación*”, relativizando tal denominação quando fazia referência à revista da *al Qa'idah*.^{XL} Ao longo do texto, a necessidade de as forças ocidentais se posicionarem frente à publicação aparece como reforço da diferença entre ocidentais e orientais, de tal forma, que o leitor pode ser levado a acreditar que a *Inspire* é absolutamente distinta de todos os outros “meios de comunicação”; um produto exótico de uma cultura estática.

A surpresa com que a publicação de *Inspire* foi recebida decorre, em parte, do espanto que seu conteúdo causou, mas também do pouco conhecimento que se tem da cultura árabe-muçulmana e do islamismo que, na visão ocidental, seriam completamente avessos à tecnologia e ignorantes em relação aos produtos culturais urbanos, entre eles, as mídias. Além disso, no que se refere aos grupos sectários de orientação tradicional – *al Qa'idah* e Estado Islâmico, acredita-se que existam em um regime de imutabilidade histórica que os impediria de absorver inovações.

A exemplo de outras regiões do globo, no que se convencionou chamar de Oriente Médio, a mídia teve um papel igualmente relevante nas mudanças políticas e culturais.^{XLI} A cultura letrada foi fundamental à expansão do Islam em regiões a Oeste da África – como o Sudão, por exemplo – onde, segundo Aziz Batram, estudiosos estiveram empenhados em “[...] campanhas de inspiração religiosas, destinadas a concretizar os principais ensinamentos e práticas, características dos primórdios do Islã.”^{XLII} e, desde as décadas finais do século XIX, registram-se iniciativas de grupos que apresentavam suas propostas por meio de periódicos.

Abdallah ‘Azzam, principal referência intelectual da Al-Qaeda e mentor de Ibn Ladin, editou a revista *al-Jihad* durante os conflitos Guerra do Afeganistão e obteve sucesso digno de nota, com tiragens de 35 mil exemplares.^{XLIII} De forma estruturalmente similar ao que ocorreu na Europa e na América, a importância dos recursos midiáticos estimulou governos locais a controlar como e o que era publicizado por esses canais. Exemplar desse modelo de gestão estatal das comunicações foi o nacionalismo estatal árabe que atravessou o século XX com grande concentração de poder. Em 1996, entretanto, a rede *al Jazeera* foi fundada no Qatar e promoveu renovações, como sustentar relativa independência do governo e apresentar narrativas globais.^{XLIV}

Foi por meio da *al Jazeera* que a *al Qa'idah* inseriu-se com mais força na política internacional e disseminou o propósito de atingir os inimigos distantes. A relação com a rede de televisão mudou após o 11 de setembro de 2001, posto que, diante do impacto internacional e diplomático que os atentados causaram, diversas lideranças estrangeiras passaram a criticar a relação da emissora com Ibn Ladin, que costumava enviar emissários à rede de TV. A prioridade de acesso da *al Jazeera* às gravações do líder da *al Qa'idah* eram um recurso importante no competitivo mercado midiático internacional; por outro lado, a perseguição às lideranças da rede terrorista, enfatizadas com a política da Guerra ao Terror do governo Bush, exigiram que a emissora se posicionasse e reorientasse a cobertura de temas sensíveis, evitando, dessa forma, a suposição de relações promíscuas com organismos terroristas. Após os ataques em Londres, em julho de 2007, pressões internacionais obrigaram *al Jazeera* a dificultar as tratativas com a *al Qa'idah*.^{XLV}

O efeito midiático é fundamental para a efetividade do terrorismo, seja para divulgar as teses de determinada organização ou sujeito, seja para ampliar a sensação de medo decorrente da violência.^{XLVI} A *al Qa'idah* não dependia da *al Jazeera* para promover seus discursos, mas a orientação global da *jihad* promovida pelo grupo demandava divulgação de maior amplitude. Em certo sentido, isso foi oferecido gratuitamente pelas agências internacionais de comunicação que,

NOTAS HISTÓRICAS SOBRE A RECONVERSÃO CULTURAL NA *AL QA'IDAH*

GILVANA DE FÁTIMA FIGUEIREDO GOMES

como bem observou Fernando Lattman-Weltman, não podiam se desviar do produto oferecido pela organização de Ibn Ladin.^{XLVII}

A atenção internacional, contudo, não era *garantia de voz*, posto que o discurso promovido em redes de televisão e em periódicos ocidentais condenava, em todos os sentidos, a existência da organização, e evidenciaram a necessidade de criar um espaço no qual se fizesse a divulgação de ideias e justificativas do grupo. Em julho de 2010, lançava-se a revista *Inspire*, dedicada a “[...] oferecer uma apresentação precisa do islã seguido pelos *al salaf al salih* [...]”^[13], com uma visão global, já que “[...] no ocidente; no leste, oeste e sul da África; no sul e sudeste da Ásia e em vários lugares há milhões de muçulmanos cuja primeira ou segunda língua é o inglês.”^{XLVIII}

A existência de um público interessado nesse tipo de publicação era confirmada pela trajetória de seus responsáveis intelectuais: Samir Khan (1985-2011) e Anwar al-Awlaki. Ambos viveram parte considerável de suas vidas nos Estados Unidos, onde mantiveram relações indiretas e distintas com o tema da *jihad*. Khan nasceu no Paquistão e aos quinze anos conheceu a Organização Islâmica da América do Norte, grupo fundamentalista não violento.^{XLIX} Em 2009, foi o responsável pelo lançamento da primeira publicação *jihadista* em língua inglesa – a *Jihad Recollection*, que o colocou na mira das agências antiterror nos EUA.^L

Anwar al Awaki, originário de uma família do Iêmen, estudou em Denver, nos EUA, e viveu em San Diego, onde alcançou distinção como liderança religiosa muçulmana nos EUA, em período imediatamente posterior ao 11 de setembro. A fama, entretanto, o colocou no centro de investigações sobre vínculos com indivíduos que participaram dos ataques às torres gêmeas, situação que o expôs e contribuiu para sua radicalização.^{LI}

Após serem perseguidos, os dois se estabeleceram no Iêmen, onde engrossaram as fileiras da AQPA. Khan foi fundamental para a estruturação material dos segmentos midiáticos da *al Qa'idah*, dada a sua experiência anterior, enquanto al Awaki atuava como pregador dos interesses da rede. A absorção dos dois pela organização para desempenhar atividades de divulgação/promoção do discurso *jihadista* sugere a abertura do *al Qa'idah* para sujeitos cuja trajetória e *know-how* favoreciam as intenções do grupo – mesmo quando esses indivíduos não tinham profundo conhecimento da tradição islâmica.

Juntos, Khan e al-Awaki idealizaram uma publicação voltada, justamente, para aqueles que, assim como eles, nutriam uma identificação difusa com *al Qa'idah*, mas estavam distantes teológica e culturalmente dos grupos *jihadistas* de maior renome; de certa forma, admitiam que, apesar do sectarismo defendido pela *al Qa'idah*, havia todo um universo de muçulmanos que, ainda que não atendessem ao perfil estrito de prática religiosa, poderia se interessar e ser útil à organização.

Entre 2010 e 2017, foram publicados 17 números da revista e é possível perceber algumas fases no itinerário do periódico. Do primeiro ao sétimo número (uma edição especial dedicada ao 11 de setembro), as orientações de Khan e al Awlaki prevaleceram e sustentaram a regularidade das atividades. Após o sétimo número, com a morte dos dois primeiros editores, as atividades foram continuadas por Yahya Ibrahim – figura sobre a qual pouco se sabe, sendo possível aventar a hipótese de se tratar de pseudônimo; o oitavo número demorou nove meses para sair, o que ocorreu em maio de 2012 e, somente em março de 2013, a edição de número 10 veio a público. De tal forma que é possível supor dificuldades na continuação no empreendimento após a morte de seus primeiros responsáveis.

No primeiro número, publicado em 2010, em artigo assinado por al-Awlaki, nota-se como os articuladores da *Inspire* operavam em um universo de conflitos e reconversões culturais. O autor, que desempenhava a liderança intelectual do projeto, saudou a iniciativa da publicação e recorreu à sua experiência nos Estados Unidos para explicar que as sociedades ocidentais nutriam um profundo ódio aos sujeitos identificados com o Islam; acrescentava ainda, que manifestavam esse sentimento não somente com violência física e intervenções políticas, mas também com o

NOTAS HISTÓRICAS SOBRE A RECONVERSÃO CULTURAL NA *AL QA'IDAH*

GILVANA DE FÁTIMA FIGUEIREDO GOMES

desrespeito aos costumes religiosos – como nos casos representações plásticas do profeta Maomé – e destacou: “*Outrageous slander, blatant smearing of Muḥammad صلى الله عليه وسلم, desecration of the Qur’ān, and the insulting of over a billion Muslims worldwide are done under the pretext of “freedom of speech”*”.^{LII}

A liberdade de expressão que, de acordo com o articulista, era a justificativa utilizada por jornalistas para disseminar imagens difamatórias do Islam e de seus seguidores, é exercitada de forma provocativa pelos editores da revista; nesse sentido, o caso mais emblemático é a seção *Open Source Jihad* que funcionava como manual de confecção de artefatos explosivos e orientava sobre como efetuar ataques em território ocidental.^{LIII} Com pouca regularidade nas demais seções editadas, alguns pontos podem ser destacados: além da presença constante de entrevistas feitas com personagens que eram referências do universo *jihadista*, principalmente, aquele ligado à *al Qa'idah*, algumas seções apareceram em todos os números: a seção editorial - *Letter from the edition, New Flash, Heard the world, Inspire reactions e Open Spurce Jihad*.^{LIV}

A equipe da revista estava bastante atenta ao efeito que a publicação causava no público - tanto aqueles que apoiavam seus interesses, como os que lhe faziam oposição. Ao noticiar as reações de especialistas em segurança internacional, políticos do estado norte-americano ou da imprensa estrangeira – a revista cumpria um duplo objetivo: esforçava-se por compreender qual a leitura e as posições que suscitava em seus opositores e, ao mesmo tempo, emitia um atestado do sucesso que reforçava a percepção de êxito, fundamental para atrair à esfera de influência da *al Qa'idah* indivíduos que de alguma forma concordem com as suas posições.

Além desses dados gerais, devem ser destacados alguns pontos indicativos da capacidade de reconversão cultural da *al Qa'idah*. Em primeiro lugar, há o fato de que o material é organizado de forma idêntica às revistas que contam com larga circulação em sociedades ocidentais: capa, sumário, editoriais, artigos, reportagens fotográficas, entrevistas – tudo feito com uma diagramação que, embora revele traços de amadorismo, recorre a *softwares* específicos da área. A *Inspire*, entretanto, não é impressa: trata-se de um produto cultural nascido digital, ainda que organizado nos moldes de objetos físicos.^{LV}

Dessa forma, é interessante observar que publicações como a *Inspire* se beneficiam de um novo regime tecnológico que articula lugar tradicional dos impressos periódicos (agremiação de agentes e promoção de ideias) aos novos recursos de produção e circulação – afinal, como objeto nascido digital, a *Inspire*, ao mesmo tempo que protegia os responsáveis das investigações antiterroristas, rompia o limitado circuito dos impressos e levava o discurso da *al Qa'idah* a diferentes grupos.^{LVI}

A bibliografia demonstra que a *internet* alterou dinâmicas sociais e religiosas do Islam e teve como consequência a divulgação massiva de material *jihadista*, situação que levou à construção da noção conceitual de *e-jihad*, em referência ao engajamento digital de grupos e indivíduos à prática *jihadista*.^{LVII} Dentre outros elementos que explicam a produção midiática do grupo, cabe ressaltar a presença de sujeitos que dominam a cultura digital, responsáveis por articular tecnologias ou referenciais digitais de seu cotidiano/experiência à tradição religiosa.^{LVIII} Ao optar por combinar o perfil dos impressos físicos ao suporte digital, os responsáveis pela publicação revelam a capacidade de absorção cultural de recursos que são reconvertidos com fins políticos.

Essa bricolagem cultural continuava nos processos de composição de conteúdo, quando a revista reunia diferentes documentos e dotava de organicidade aquilo que, no instante de sua criação, nem sempre esteve relacionado. Sobre esse aspecto, cumpre ressaltar a opção pela utilização da língua inglesa em lugar do árabe. O filósofo ganense Kwame Appiah refletiu sobre a atitude aparentemente paradoxal de grupos oprimidos pelo imperialismo europeu e norte-americano (o objeto de reflexão do autor são as sociedades africanas) de utilizarem os idiomas de seus algozes, especialmente o inglês e o francês;^{LIX} Appiah lembrou, entretanto, que nesses casos

NOTAS HISTÓRICAS SOBRE A RECONVERSÃO CULTURAL NA *AL QA'IDAH*

GILVANA DE FÁTIMA FIGUEIREDO GOMES

os fins justificariam os meios posto que, no que se refere ao continente africano, a necessidade de projetar identidades nacionais diante da diversidade linguística exigiu a adoção de um idioma que permitisse a comunicação entre os grupos.

O mesmo raciocínio pode ser usado para pensar a opção linguística da *Inspire*; assim como as sociedades colonizadas, os editores de *Inspire* tinham clareza de que o idioma escolhido para a publicação teria impacto no perfil dos leitores. É bem verdade que a revista não defendia projetos nacionais, mas as intenções globais de atuação de *al Qa'idah* tendo como alvos principais os EUA e seus aliados explicam a adoção do inglês; os responsáveis demonstraram clareza de que a língua inglesa seria instrumento de comunicação com sujeitos que, fiéis ao islã, não dominavam o árabe – tanto que se dirigem de forma clara aos “irmãos” em países anglófonos.

As fontes de conhecimento teológico sobre o Islam foram produzidas séculos antes da *al Qa'idah*. Distantes no tempo, o acesso a esses documentos torna-se precário quando não há disponibilidade de tradução ou a linguagem destoa da cotidiana. A *Inspire* age, nesse sentido, como mediadora entre universos culturais distantes e, valendo-se de diagramação ordinária com referência ao Qur'an, Ahadiths e de intelectuais muçulmanos em língua e linguagem acessíveis a leitores ocidentais, estabelece linhas de aproximação com um público que pretende ora desafiar, ora converter.

Um último destaque deve ser dado à ampliação estratégica da noção de *jihad*. A *Inspire* estimulava a atuação individual na promoção da *jihad*, o que pode ser explicado tanto pela figura da Azzam, que já pensava no Islam de forma mais inclusiva, quanto pela própria trajetória da *al Qa'idah* que, como se avaliou anteriormente, adotou uma estrutura descentralizada que facilitou a adesão de indivíduos não preparados para a atuação *jihadista*. Após o 11 de setembro, a *al Qa'idah* enfrentou limitações na sua atuação; daí, ser estratégico que as novas ações tivessem como agentes personagens cuja trajetória não indicava tal propensão.

Como observa Katty Cristina Lima Sá, a *Inspire* dedicou grande importância ao tema da *jihad* e ao estímulo que sujeitos isolados praticassem a *lone jihad* (jihad solitária).^{LX} Nesse ponto, mesmo que não de forma absolutamente consciente, permitia que uma parte considerada, historicamente, fundamental da fidelidade ao Islam fosse descaracterizada. Afinal, não havia garantia de que somente muçulmanos iriam aderir ao projeto, sendo possível que qualquer indivíduo com acesso à internet e disposição violenta usasse os recursos disponibilizados pela *Inspire* para promover ataques.

Se, do ponto de vista da *al Qa'idah*, isso não era um grande problema, da perspectiva de muitos teólogos do Islam, essas práticas eram problemáticas. Dentro do próprio Islam, registrou-se grande esforço para barrar a expansão das ideias defendidas por integrantes da *al Qa'idah*. A produção mais expressiva foi do clérigo paquistanês-canadense Muhammad Tahir-ul-Qadri, que publicou, em 2010, o *Fatwa on Terrorism and Suicide Bombings*, um texto de mais de 500 páginas que busca refutar a violência contra indivíduos inocentes. A obra recebeu grande publicidade, e foi endossada por instituições como Universidade de *al Azhar* e figuras religiosas como o Papa Bento XVI. Entre outros elementos, o texto popularizou o *Ayat 32* da *Surat 5*, que afirma que matar um inocente é como matar toda a humanidade. Contudo, a *al Qa'idah* já contava 20 anos de existência e recorria, em oposição, à autoridade de 'Azzam para ignorar todo e qualquer pensamento contrário.

Considerações finais

É válido observar que a revista *Inspire* pode ser tomada como policultural, posto que articula sistemas de referências culturais, geralmente, tomados como incompatíveis. Se a *jihad* se divide entre o inimigo distante e o inimigo próximo, a revista *Inspire* aponta que, além do inimigo

NOTAS HISTÓRICAS SOBRE A RECONVERSÃO CULTURAL NA *AL QA'IDAH*

GILVANA DE FÁTIMA FIGUEIREDO GOMES

distante, importam também os aliados distantes – sejam eles sujeitos nascidos ocidentais, mas que em sua trajetória desenvolveram aversão às suas sociedades de origem, ou recursos midiáticos cujo formato é apropriado e reconvertido para disseminar os posicionamentos do grupo.

Em que pese a existência de conhecimento de qualidade produzido sobre o 11 de setembro, não somente sobre o evento em si, mas sobre diversos aspectos de organizações terroristas orientadas pelo Islam, enquanto sociedade, predomina a leitura orientalista dos personagens envolvidos com tais projetos. Ao não se avaliar metodicamente a produção autoral de grupos como a *al Qaeda*, aprofunda-se a diferença e o preconceito, pois parte-se de um processo de fabulação.

Um dado relevante é que a *jihad* praticada pela *al Qaeda* garante a adesão mediante a flexibilização das exigências teológicas e, dessa forma, transforma em agentes de suas intenções personagens distantes do imaginário ocidental de terrorista. Nesse ponto, a habilidade de reconversão cultural da *al Qaeda* transforma a mentalidade orientalista das sociedades americanas e europeias em vantagem.

A *al Qaeda*, o Estado Islâmico e outros grupos similares oferecem a oportunidade aos investigadores do tema da cultura de refletir sobre os limites e possibilidades criativas do processo de globalização. Obviamente, não se trata de justificar a violência como recurso político, mas de tentar compreender as condições nas quais tais sujeitos decidem operar a partir dessa lógica; além disso, a partir dessas discussões, pode-se observar a dinamicidade das formações culturais.

Notas

^I Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

^{II} RESENDE, Erica Simone de Almeida. Aporia e trauma na crise de significados do Onze de Setembro. **Contexto internacional**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 01, Jan.-Jun., 2010.

^{III} “Normalmente, o terrorismo não tem rosto; mas agora também não tinha voz. Assim como Nova Iorque, estava mutilado e mudo. O silêncio acompanhou a catástrofe. Ausência de reivindicações por parte dos criminosos; ausência de narrativas por parte dos espectadores. Fomos reduzidos a espectadores passivos; era como assistir a um filme mudo sobre o apocalipse. [...] O terrorismo invadiu o palco da História, mas seus espectadores foram reduzidos ao silêncio e à impotência, tendo sua capacidade de agir e intervir bloqueada, e sua vontade subjetiva para agir aniquilada.” GÖLE, N. Close encounters: Islam, modernity, and violence. In: CALHOUN, C.; PRICE, P.; TIMMER, A. **Understanding September 11**. New York: New Press, 2002, p. 334.

^{IV} Como observa Felipe Yera Barchi, nas últimas décadas, o público brasileiro foi apresentado com força cada vez maior aos temas relacionados ao Islam: Revolução Iraniana (1979), Guerra Irã-Iraque (1980-88), Guerra do Golfo (1990-91), Questão Palestina, Intifada (1987 e 2000), 11 de Setembro, invasão do Afeganistão, Primavera Árabe (2010) e a emergência do Estado Islâmico foram alguns dos tópicos recorrentes em noticiários - impressos e audiovisuais. BARCHI, Felipe Yera. Referências bibliográficas sobre o Islã no Brasil: um estudo de caso dos livros didáticos de Gilberto Cotrim e Cláudio Vicentino. **Faces da História**, v. 06, n. 02, Assis, Jul.-Dez. 2019,

^V SAID, Edward. **Orientalismo: o oriente com invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

^{VI} BUTLER, Judith. Explicação ou isenção, ou o que podemos ouvir. In: BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

^{VII} A frase foi dita em discurso no Congresso dos EUA, poucos dias depois dos ataques, e repercutiu na imprensa brasileira. AITH, Marcio. Bush prometeu destruir o terrorismo. **Folha de S. Paulo**, 21 Set. 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj2109200104.htm> Acesso em: 11 Abr. 2021.

^{VIII} É relevante observar que existiram críticos a essa polarização, caso de Noam Chomski que questionou o terrorismo como prática exclusiva de grupos que combatem políticas de estado.

^{IX} Em linhas gerais, existem dois usos correntes para o termo terrorismo. O primeiro é político e, nesse sentido, são chamados de terroristas aqueles que praticam algum tipo de violência considerada ilegítima Talal Assad, **On suicide bombing**. New York: Columbia University Press, 2008. A segunda define terrorismo como uma prática, um ato de violência que tem por objetivo causar medo e instabilidade. Arnaud Blin & Gérard Chailand, (org)., **The History of Terrorism: from Antiquity to Al Qaeda**. California: University of California, 2007. Nesse artigo, avalia-se o projeto do Estado Islâmico como uma organização que utiliza métodos terroristas, mas é importante observar que trata-se um meio e não um fim.

^X SAID, Edward. 2007. **Op. Cit.**, p.401-02.

NOTAS HISTÓRICAS SOBRE A RECONVERSÃO CULTURAL NA *AL QA'IDAH*

GILVANA DE FÁTIMA FIGUEIREDO GOMES

^{XI} “Aliás, há bem pouco tempo, a ordem do mundo fundava-se num dualismo inaugural que encontrava parte de suas justificações no velho mito da superioridade racial. Em sua ávida necessidade de mitos destinados a fundamentar seu poder, o hemisfério ocidental considerava-se o centro do globo, a terra natal da razão, da vida universal e da verdade da humanidade. Sendo o rincão mais ‘civilizado’ do mundo, só o Ocidente foi capaz de inventar um ‘direito das gentes’. [...] Só ele deu origem a uma ideia de ser humano dotado de direitos civis e políticos, permitindo-lhe exercer seus poderes privados e públicos como pessoa, como cidadão pertencente ao gênero humano e, enquanto tal, interessado em tudo que é humano. [...] Na maneira de pensar, classificar e imaginar os mundos distantes, o discurso europeu, tanto erudito como popular, com frequência recorreu a procedimentos de fabulação. Ao apresentar como reais, certos e exatos fatos muitas vezes inventados, escapou-lhe justamente o objeto que buscava apreender, mantendo com ele uma relação fundamentalmente imaginária, mesmo quando a sua pretensão era desenvolver saberes destinados a apreendê-lo objetivamente.” MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. N-1 edições, 2020, pp. 29-31.

^{XII} SAID, Edward. 2007. **Op. Cit.**

^{XIII} CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2008, p. XIII.

^{XIV} HUYSSSEN, Andreas. Geografias do modernismo em um mundo globalizante. In: HUYSSSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente: modernismo, artes visuais, políticas de memória**. Rio de Janeiro: Contraponto: Museu de Arte do Rio, 2014, p. 21.

^{XV} CANCLINI, Nestor Garcia. 2008. **Op. Cit.**, p. XIX.

^{XVI} CANCLINI, Nestor Garcia. 2008. **Op. Cit.** p. XXII.

^{XVII} SHAHEEN, Jack G. **Reel bad arabs: how Hollywood vilifies a people**. Massachusetts: Olive Branch Press, 2015.

^{XVIII} BARCHI, Felipe Yera. 2019, *Op. Cit.*, p. 148.

^{XIX} “Dado seu caráter expressivo, tão forçoso quanto evidente, o terror é sempre, antes de qualquer coisa, um discurso, a atualização de uma linguagem. Independente das formas a que recorra [...] e seja qual for o âmbito e o contexto de sua atuação, ele é sempre portador de uma mensagem, de um significado claro, traduzido em atos – e traduzível em palavras – e capaz de estabelecer um novo horizonte de possibilidades, mesmo que frequentemente voltado ao aumento exponencial da imprevisibilidade, do risco e da insegurança.” LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Terror e mídia: história e economia simbólica no limiar do século XXI. **Estudos históricos**, n. 31, Rio de Janeiro, 2003, p. 46.

^{XX} BUTLER, Judith. 2019. **Op. Cit.**, p. 33-34..

^{XXI} O grau de adesão pode ser medido pelas ondas migratórias em períodos de conflito. Cite-se, a título de exemplo, os “visitantes estrangeiros” que se uniram à resistência afegã, em 2001, após a ofensiva norte-americana. Ver: LI, Darryl. Taking the Places of Martyrs: Afghans and Arabs under de Banner of Islam, **Arab Studies Journal**, v. 20, n. 1, 2012, pp. 12-39.

^{XXII} O atraso político não é um argumento utilizado para se referir, apenas, às organizações terroristas; estende-se ao Islam – como observa Said ao analisar as produções orientalistas pós-Segunda Guerra; “Note-se o uso edificante da palavra islã para significar ao mesmo tempo uma sociedade, uma religião, um protótipo e uma realidade. Mas tudo isso será subordinado pelo mesmo erudito à noção de que, ao contrário das (‘nossas’) sociedades normais, as sociedades do islã e do Oriente Médio são totalmente ‘políticas’, um adjetivo empregado como uma censura ao islã por não ser ‘liberal’, por não ser capaz de separar (como ‘nós’ fazemos) a política e a cultura. SAID, Edward. 2007. **Op. Cit.**, p. 399.

^{XXIII} APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 50.

^{XXIV} GOMES, Gilvan. GOMES, Gilvana F. F. Inventar uma Sunnah: o Estado Islâmico, Salafismo e inovação. **Afro-Ásia**, n. 63, Salvador, 2021.

^{XXV} Conjunto de recomendações que formam a base da justiça islâmica e classificam as práticas dos fiéis correta, ingênua, equivocada ou ilegal. Apesar de catalisar a luta de grupos fundamentalistas, a Shar’ia é intrinsecamente dinâmica, posto que aberta a interpretações. Ver: OKON, Etim. Hudud Punishments in Islamic Criminal Law. **European Scientific Journal**, v. 10, n. 14, 2014.

^{XXVI} Para uma análise da constituição histórica dos califados, ver: DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

^{XXVII} Comunidade muçulmana transnacional. GOMES, Gilvan Figueiredo. “Até queimar os exércitos cruzados”: projetos políticos do Estado Islâmico na revista Dabiq (2014-2016). 2019. 172 f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas e d a Educação. Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2019.

^{XXVIII} O conceito de jihad está intimamente relacionado ao desenvolvimento e expansão do Islam. Tomado no sentido mais básico a palavra jihad refere-se ao esforço individual e coletivo. Quando empregado no sentido bélico, faz-se referência a *Surat 9*, al-Tawbah, na qual a violência é claramente autorizada. Dentro do salafismo, duas definições gerais sustentam movimentos como a al-Qaeda. A primeira é exposta pelo Irmão Muçulmano Sayyid Qutb, para quem a jihad se dá de modo processual, iniciando como atos de proselitismo liderados por uma vanguarda de muçulmanos e escalonando, se necessário, para o conflito. No contexto da Guerra Soviético-Afegã, Abdallah ‘Azzam introduziu

NOTAS HISTÓRICAS SOBRE A RECONVERSÃO CULTURAL NA *AL QA'IDAH*

GILVANA DE FÁTIMA FIGUEIREDO GOMES

uma noção objetiva, a partir da qual, quando muçulmanos estão sob ataque, torna-se imperativo – e portanto um ato de jihad – a defesa dos fiéis. Ver: COOK, David. **Understanding jihad**. Los Angeles, California, University of California Press, 2005.

XXXIX GERGES, Fawaz, A. **The far enemy**: why jihad went global. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

XXX Para uma visão aprofundada desses itens, ver: LIMA SA, Katty Cristina. **Al-Qaeda e Estado Islâmico em foco**: estudo comparado sobre a Jihad nas revistas Inspire e Dabiq (2010-2016). Dissertação (Mestrado em História). Rio de Janeiro, UFRJ, 2020.

XXXI HEGGHAMMER, Thomas. **The Caravan**: Abdallah ‘Azzam and the rise of the global jihad. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2020.

XXXII HEGGHAMMER, Thomas. 2020. **Op. Cit.**

XXXIII Wahhabismo se relaciona ao reformismo ultraconservador de Muhammad Ibn Abd al-Wahhab (1703-1792), pautado na ideia sectária de tawhid. O clã Saud forjou uma aliança com al-Wahhab e seus seguidores com o objetivo de controlar a Península Arábica, o que se concretizou efetivamente 1932. AL RASHEED, Madawi. Divine Politics Reconsidered: Saudi Islamists on Peaceful Revolution, **Middle East Centre Paper Series**, v. 7, n. 3, 2015.

XXXIV Com o fim da Guerra Soviético-Afegã, Ibn Ladin planejou levar a Al Qa'idah na Arábia Saudita, mas entrou em conflito com o governo local quando tropas norte-americanas tiveram autorização para instalação no território. Em 1991, Ibn Ladin seguiu para o Sudão, onde permaneceu até 1996, quando a pressão internacional sobre o governo sudanês, estimulou seu retorno ao Afeganistão – estão, estabilizado e governado pela Talibã. GERGES, Fawaz, A. 2005. **Op. Cit.**

XXXV Fawaz Gerges analisou a globalização da *jihad* e indicou que tal processo foi inaugurado com a fundação da *al Qa'idah* (1988), tendo como apogeu o 11 de setembro de 2001. Para o autor, a globalização da *jihad* é fruto de uma aliança entre o salafismo saudita (representado por Usamah Ibn Ladin) e o ativismo político egípcio (encarnado por Ayman al-Zawahiri). Ver: GERGES, Fawaz. **The Far Enemy: Why Jihad Went Global**, Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

XXXVI “‘Agência’ é a possibilidade de os sujeitos produzirem subjetivação diante e apesar da subordinação às normas sociais. BUTLER, Judith. 2019. **Op. Cit.**, p. 206.

XXXVII A criação dessa célula era planejada e foi organizada pelo grupo central da al-Qaeda, o que provavelmente incluiu a atuação do próprio Ibn Ladin.

XXXVIII TOBAJAS, Raquel. Inspire: propaganda yihadista en inglés **Boletín electrónico do Instituto español de estudios estratégicos**. n. 44, abr. 2015.

XXXIX TOBAJAS, Raquel. 2015. *Op. Cit.*, p. 13.

XL Nos termos da autora: “Se trata de prevenir la radicalización a través de medidas que los gobiernos occidentales deben tomar. Se debe investigar, recopilar información, establecer lazos de comunicación y cooperación con los organismos de otros países que tengan preocupaciones similares para intercambiar información con ellos y actuar según la situación. En caso contrario, este “medio de comunicación” probará diferentes canales para difundir su propaganda, tal como ya han hecho otros grupos terroristas.” TOBAJAS, Raquel. 2015. **Op. Cit.**, p. 14.

XLI Cite-se, a título de exemplo, a importância que a imprensa e as atividades editoriais tiveram no desenvolvimento da cultura egípcia moderna: “A conjugação das missões escolares e da ascensão das novas elites do poder, assim como a emergência de novas camadas sociais, particularmente nas cidades, graças à ação política e militar do Estado, suscitariam um poderoso movimento de imprensa e editorial, no qual o impulso e o controle estatais – a partir da criação de um diário oficial al-Wakā 'i' al-Misriyya (1828) – permitiriam contudo uma margem para iniciativas privadas (al-Ahrām foi criado em 1876). É preciso notar que foi o Egito, a única entre todas as províncias do Império Otomano, que ofereceu asilo aos intelectuais, pensadores, escritores e editores perseguidos pela Porta, na realidade a terra de asilo privilegiado, em função de seu caráter oriental e islâmico, mas também organicamente interligado ao movimento da Europa moderna.” ABDEL-MALEK, Anouar. O renascimento do Egito (1805-1881). In: AJAYI, J. F. Ade. **História Geral da África**, v. VI: a África do século XIX à década de 1880. Brasília, UNESCO, 2010, p. 400-01. Já no século XX, a orientação secular de Jamal Abdel al-Nasir (1918-1970) teve na radiodifusão um importante instrumento para publicização de projetos e perspectivas de vida.

XLII BATRAN, Aziz. As revoluções islâmicas do século XIX na África do Oeste. In: AJAYI, J. F. Ade. **História Geral da África**, v. VI: a África do século XIX à década de 1880. Brasília, UNESCO, 210,620.

XLIII HEGGHAMMER, Thomas. **The Caravan**: Abdallah ‘Azzam and the Rise of the Global Jihad. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

XLIV SEIB, Phillip. **The Al Jazeera Effect**: How the New Global Media are Reshaping World Politics. Nebraska: University of Nebraska Press, 2011.

XLV Apesar do aspecto laico e, em certo sentido progressista, da emissora, o canal continua sendo alvo de interpretações que o identificam como aliado do terrorismo muçulmano. “Hence, the media manipulation becomes like a psychological warfare which is used against ordinary people to create greater amount of negative effect on their minds. The black media are one of the most dangerous means that target human minds; where they start distorting the information in order to attract people’s attention to non-existent reality, just an illusion. Then, the media embody

NOTAS HISTÓRICAS SOBRE A RECONVERSÃO CULTURAL NA *AL QA'IDAH*

GILVANA DE FÁTIMA FIGUEIREDO GOMES

this illusion and make it real to the public for ideological purposes. Al Jazeera is one of many news channels which has practised and is still practising media manipulation and distortion starting from the 'Arab Spring' uprisings in Tunisia, Egypt, Libya, and Syria to the Iraqi war with ISIS groups." ALBADRI, Mohamed Abd Saleh. The Representation of ISIS and Iraqi Forces in Al Jazeera Arabic News Reports. Opcion, Año 35, **Especial** n. 22, 2019, p. 2901.

^{XLVI} LETRIA, José Jorge. **O terrorismo e os media: o tempo de antena do terror**. Lisboa: Hugin, 2001.

^{XLVII} LATTMAN-WELTMAN, Fernando. 2003. **Op. Cit.**

^{XLVIII} Letter from the editor. **Inspire:...** and Inspire the Believers, n. 01, Jul. 2010. p. 02.

^{XLIX} Na internet Jihad Aimns at U.S. Viewers. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2007/10/15/us/15net.html?pagewanted=all&r=0> Acesso em: 16 Jun. 2021.

^L BUNKER, Robert; BUNKER, Pamela Ligouri. **Radical Islamist English-Language online magazines: Research Guide, Strategic Insights, and Policy Response**. Strategic Studies Institute, U.S. Army War College Press: 2018, p. 12-13.

^{LI} LIMA SÁ, Katty Cristina. 2020. **Op. Cit.**, p. 66. TOBAJAS, Raquel. 2015. *Op. Cit.*, p. 02.

^{LII} AL-AWLAKI, Anwar. May our souls be sacrificed for you. **Inspire... and inspire the believers**. Jul. 2010, p. 27.

^{LIII} Como sublinha Lima Sá: "A facilidade na montagem e execução das propostas era a característica primordial da *Open Source Jihad*, que procurou simplificar ao máximo o roteiro para a realização de um atentado. Com isso, seus textos tinham linguagem colquial e estrutura em tópicos, que eram amplamente ilustrados com fotografias das etapas em questão. As instruções oferecidas incluíam a seleção de alvos, o processo de confecção de bombas e sugestões para que o atacante conseguisse fugir das forças segurança em diversos países. Os ingredientes solicitados para montar os explosivos foram objetos de uso cotidiano, encontrados em armazéns e lojas de materiais de construção, como por exemplo, açúcar, pregos, baterias, sodas, palitos de fósforo e lâminas de aço." LIMA SÁ, Katty Cristina. 2020. **Op. Cit.**, p. 106.

^{LIV} A propaganda jihadista pode influenciar a ação de lobos solitários - terroristas que atacam em seus países de origem - ou ensejar migração para zonas de conflito. Por essas razões, legislações são construídas com vistas a inibir o alcance desse tipo de material. O capítulo sobre ofensas terroristas do *Counter-terrorism and border security act 2019*, em vigência em todo território britânico, por exemplo, inclui uma seção específica sobre atividades na *internet*. O texto define que apenas jornalistas e pesquisadores podem ter acesso aos materiais sem o risco de sanções legais. Atualmente, os repositórios de fontes utilizados para esse artigo exigem credenciamento e tem normas específicas para *download*. GOMES, Gilvan. GOMES, Gilvana F. F., 2021. **Op. Cit.**, p. 341.

^{LV} MARINO, Ian Kisil. SILVEIRA, Pedro Telles. NICODEMO, Thiago Lima. Arquivo, memória e Big Data: uma proposta a partir do Covid-19. **Cadernos do tempo presente**, v. 11, n. 01, Jan.-Jun., 2020.

^{LVI} CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Editora Unesp, 2009.

^{LVII} BUNT, Gary B. **IMuslims: Rewiring the House of Islam**, North Carolina: The University of North Carolina Press, 2009.

^{LVIII} BUNT, Gary B. **Hashtag islam: how cyber-islamic environments are transforming religious authority**. North Carolina: The University of North Carolina Press, 2018.

^{LIX} APPIAH, Kwame Anthony. 1997. **Op. Cit.**

^{LX} LIMA SÁ, Katy Cristina. **Op. Cit.** 2020.

Referências bibliográficas

AITH, Marcio. Bush prometeu destruir o terrorismo. **Folha de S. Paulo**, 21 Set. 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj2109200104.htm> Acesso em: 11 Abr. 2021.

ALBADRI, Mohamed Abd Saleh. The Representation of ISIS and Iraqi Forces in Al Jazeera Arabic News Reports. Opcion, Año 35, **Especial** n. 22, 2019.

AL RASHEED, Madawi. Divine Politics Reconsidered: Saudi Islamists on Peaceful Revolution, **Middle East Centre Paper Series**, v. 7, n. 3, 2015.

AL-AWLAKI, Anwar. May our souls be sacrificed for you. **Inspire... and inspire the believers**. Jul. 2010.

NOTAS HISTÓRICAS SOBRE A RECONVERSÃO CULTURAL NA *AL QA'IDAH*

GILVANA DE FÁTIMA FIGUEIREDO GOMES

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ASSAD, Talal. **On suicide bombing**. New York: Columbia University Press, 2008. 138p.

AJAYI, J. F. Ade. **História Geral da África**, v. VI: a África do século XIX à década de 1880. Brasília, UNESCO, 2010.

BARCHI, Felipe Yera. Referências bibliográficas sobre o Islã no Brasil: um estudo de caso dos livros didáticos de Gilberto Cotrim e Cláudio Vicentino. **Faces da História**, v. 06, n. 02, Assis, Jul.-Dez. 2019.

BLIN, Arnaud & CHAILAND, Gérard. (org). **The History of terrorism: from antiquity to Al Qaeda**. California: University of California, 2007. 484 p.

BUNKER, Robert; BUNKER, Pamela Ligouri. **Radical Islamist English-Language online magazines: Research Guide, Strategic Insights, and Policy Response**. Strategic Studies Institute, U.S. Army War College Press: 2018.

BUNT, Gary B. **Hashtag islam: how cyber-islamic environments are transforming religious authority**. North Carolina: The University of North Carolina Press, 2018.

_____. **IMuslims: Rewiring the House of Islam**, North Carolina: The University of North Carolina Press, 2009.

BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2008.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Editora Unesp, 2009.

COOK, David. **Understanding jihad**. Los Angeles, California, University of California Press, 2005.

DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

GERGES, Fawaz, A. **The far enemy: why jihad went global**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

GÖLE, N. Close encounters: Islam, modernity, and violence. In: CALHOUN, C.; PRICE, P; TIMMER, A. **Understanding September 11**. New York: New Press, 2002.

GOMES, Gilvan. GOMES, Gilvana F. F. Inventar uma Sunnah: o Estado Islâmico, Salafismo e inovação. **Afro-Ásia**, n. 63, Salvador, 2021.

NOTAS HISTÓRICAS SOBRE A RECONVERSÃO CULTURAL NA *AL QA'IDAH*

GILVANA DE FÁTIMA FIGUEIREDO GOMES

GOMES, Gilvan Figueiredo. “**Até queimar os exércitos cruzados**”: projetos políticos do Estado Islâmico na revista Dabiq (2014-2016). 2019. 172 f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas e da Educação. Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2019.

HEGGHAMMER, Thomas. **The Caravan**: Abdallah ‘Azzam and the rise of the global jihad. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2020.

HUYSSSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente**: modernismo, artes visuais, políticas de memória. Rio de Janeiro: Contraponto: Museu de Arte do Rio, 2014.

LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Terror e mídia: história e economia simbólica no limiar do século XXI. **Estudos históricos**, n. 31, Rio de Janeiro, 2003.

LETRIA, José Jorge. **O terrorismo e os media: o tempo de antena do terror**. Lisboa: Hugin, 2001.

LI, Darryl. Taking the Places of Martyrs: Afghans and Arabs under de Banner of Islam, **Arab Studies Journal**, v. 20, n. 1, 2012.

LIMA SÁ, Katty Cristina. **Al-Qaeda e Estado Islâmico em foco**: estudo comparado sobre a Jihad nas revistas Inspire e Dabiq (2010-2016). Dissertação (Mestrado em História). Rio de Janeiro, UFRJ, 2020.

MARINO, Ian Kisil. SILVEIRA, Pedro Telles. NICODEMO, Thiago Lima. Arquivo, memória e Big Data: uma proposta a partir do Covid-19. **Cadernos do tempo presente**, v. 11, n. 01, Jan.-Jun., 2020.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. N-1 edições, 2020.

RESENDE, Erica Simone de Almeida. Aporia e trauma na crise de significados do Onze de Setembro. **Contexto internacional**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 01, Jan.-Jun., 2010.

OKON, Etim. Hudud Punishments in Islamic Criminal Law. **European Scientific Journal**, v. 10, n. 14, 2014.

SAID, Edward. **Orientalismo**: o oriente com invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SEIB, Phillip. **The Al Jazeera Effect**: How the New Global Media are Reshaping World Politics. Nebraska: University of Nebraska Press, 2011.

SHAHEEN, Jack G. **Reel bad arabs**: how Hollywood vilifies a people. Massachusetts: Olive Branch Press, 2015.

TOBAJAS, Raquel. Inspire: propaganda yihadista en inglés **Boletín eletrônico do Instituto español de estudios estratégicos**. n. 44, abr. 2015.

NOTAS HISTÓRICAS SOBRE A RECONVERSÃO CULTURAL NA *AL QA'IDAH*

GILVANA DE FÁTIMA FIGUEIREDO GOMES

Fontes

Inspire:... and Inspire the Believers, n. 01, Jul. 2010.